

# Bush não deve interferir na renegociação

**Paulo Sotero**  
*da AE*

**Washington** — O presidente George Bush não levará nenhuma nova proposta para resolver o impasse nas negociações da dívida externa entre o Brasil e os bancos credores na visita que fará ao país na próxima segunda-feira. O subsecretário do Tesouro americano, David Mulford, disse ontem que as negociações são “um assunto estritamente entre o Brasil e os bancos credores” e que devem “ser resolvidas no contexto de uma negociação completa de médio prazo das finanças externas brasileiras”.

O negociador da dívida, embaixador Jório Dauster, e o comitê de bancos credores continuaram a

quarta rodada de conversas, ontem em Nova Iorque, sem avançar no ponto central das discussões. O governo brasileiro quer ter um acordo em princípio sobre o estoque da dívida antes de efetuar um pagamento de juros. Os bancos insistem em receber uma parte dos juros em atraso, antes de discutirem os termos de um acordo mais amplo. Pelas razões provavelmente opostas, tanto entre os credores como no governo brasileiro acredita-se que a visita de Bush poderá desamarrar as discussões em Nova Iorque.

## Muito complexa

Mulford, que fará parte da comitiva de Bush em sua viagem de seis dias a cinco países da América do Sul, disse: “A lentidão das negociações causa profunda preocupa-

ção em Washington e nos demais países credores”. Citou como exemplo as declarações feitas esta semana pelos representantes dos países ricos no Banco Interamericano de Desenvolvimento e no Banco Mundial sobre o crescimento do montante de pagamentos em atraso. Segundo Mulford, o Brasil já deve perto de nove bilhões de dólares aos bancos e mais de US\$ 2,5 bilhões aos credores oficiais. Esta semana os dois bancos concederam três empréstimos para o País, num total de US\$ 700 milhões, mas os representantes dos países ricos condicionaram os novos financiamentos “a progressos nas negociações com os bancos”. Os créditos só passaram depois que o governo Collor comunicou à Casa Branca

que sua aprovação ajudaria a tornar a visita de Bush a Brasília “mais produtiva”.

Mulford afirmou que os EUA apóiam o programa (econômico) doméstico do presidente Collor e expressarão esse apoio em Brasília. “Mas para colher os benefícios desse programa (e isso é reconhecido pelas próprias autoridades brasileiras) tem de resolver a situação da dívida externa com o Clube de Paris e os credores privados”, disse.

As declarações foram feitas durante a entrevista na Casa Branca. Mulford classificou a situação de “muito complexa” e manifestou a esperança de que “haja progressos logo” nas conversas.